

A mobilização da classe operária é indispensável para derrotar o imperialismo



Alberto Salcedo

A 18 de Novembro, *Informations ouvrières* (Informações Operárias, semanário do Partido Operário Independente, de França) organizou um comício internacional, em Paris, sobre o centenário da Revolução russa, com uma tribuna onde estiveram militantes de diversos países (França, Venezuela, Espanha e Rússia). Transcrevemos a intervenção de Alberto Salcedo, militante venezuelano da IV^a internacional e responsável pelo boletim *El trabajador* (O Trabalhador).

Transmito a todos uma saudação revolucionária em nome dos trabalhadores venezuelanos e dos militantes da IV^a Internacional do Colectivo Trabalho/Juventude. Para nós, celebrar o centenário da revolução bolchevique não é um acto académico-histórico; pelo contrário é tirar as lições do primeiro combate da classe operária a conquistar o poder. Na Venezuela, assistimos hoje a um processo de intervenção aberta por parte do imperialismo.

Até agora, estas políticas foram bloqueadas graças à resistência do povo trabalhador. A convocatória para a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte, pelo presidente Maduro, tinha em particular a peculiaridade que os membros desta Assembleia representam os sectores oprimidos da sociedade venezuelana. Os trabalhadores participaram nessa Assembleia com 69 deputados, sindicalistas, entre os quais se conta um dos nossos companheiros do Colectivo, na Comissão sobre trabalho.

Mas um dos pontos essenciais em que queremos insistir é que, em 2012, a revolução bolivariana – produto da mobilização dos trabalhadores e dos sindicatos – levou o presidente Chávez a apresentar uma nova Lei sobre o trabalho, um Código laboral, que para nós, sindicalistas, representa a maior conquista dos últimos 18 anos.

Este Código laboral estipula a estabilidade absoluta do emprego, a redução da duração semanal de trabalho para 40 horas, os contratos colectivos por ramo de produção, a ampliação da licença por maternidade, a eliminação da terciarização (subcontratação fraudulenta) – o que situa a nossa nação numa dinâmica totalmente contrária ao que acontece na Europa, onde o capital destrói os códigos laborais.

Em relação a isto, o nosso posicionamento de militantes – perante a ofensiva do imperialismo e da direita patronal – é cerrar fileiras para a defesa da nação, pois não haverá nenhuma possibilidade de defender as nossas conquistas e os nossos direitos se não derrotarmos o imperialismo. Senão, será ele que nos derrotará. Mas também compreendemos que a mobilização unitária independente da classe operária e das suas organizações é necessária, porque – para derrotar a classe operária – o imperialismo necessita derrubar o governo de Maduro. Pensamos, ainda, que o governo de Maduro deve tomar uma série de medidas, tanto em defesa da nação como em defesa dos sectores da classe operária e trabalhadora.